

Princípios do Jornalismo da Agência Ewé de Notícias Ambientais, integrante da disciplina Atelier de Produção de Texto IV, do curso de Jornalismo - das Faculdades Jorge Amado, Salvador, BA¹

Autores²

Efraim Neto

Lucas Andrade

Humberto Carvalho

Colaboração: Matheus Morais e Prof^a Mônica Rodrigues

Alunos do curso de Comunicação Social com Jornalismo, das Faculdades Jorge Amado, localizadas em Salvador, BA

Resumo

Este artigo apresenta a Agência Ewé de Notícias Ambientais, integrante da disciplina Atelier de Produção de Texto IV do curso de Comunicação Social com Jornalismo, das Faculdades Jorge Amado, e os princípios norteadores que orientam a prática dos alunos-repórteres. As reportagens produzidas pelos estudantes no semestre alimentam o site da agência e são oferecidas eventualmente a outros meios de comunicação.

A Ewé tem a pretensão de monitorar os ecossistemas urbanos e naturais da Bahia, a educação ambiental e a implantação das Agendas 21 estaduais. Para isso toma como base a observação dos impactos ambientais que o sistema urbano provoca nos recursos naturais e nas comunidades. Nossa pesquisa busca compreender os fenômenos ambientais como integrantes de uma cadeia ecossistêmica, interdependente, em que cada parte cumpre uma função em ciclos biogeoquímicos e intercomunicantes complexos.

Palavras-chaves

Jornalismo, Ambiente, Agência de Notícias, Ecossistema.

I. Introdução

II. Pressupostos teóricos que orientam as atividades da Agência Ewé de Notícias Ambientais - FJA

III. Da teoria ambiental à prática na Agência Ewé de Notícias Ambientais

IV. Conclusões

V. Referências

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Jr^o (Jornada de Iniciação Científica em Comunicação), na sub-área de Jornalismo e Editoração, no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, DF, 2006.

² Efraim Neto (estagiário da Agência Ewé e estudante do 4^o semestre). Lucas Andrade (estagiário-voluntário da Agência Ewé e estudante do 5^o semestre). Humberto Carvalho (estagiário-voluntário da Agência Ewé e estudante do 5^o semestre). Colaboraram o aluno Matheus Morais (estagiário da Agência Ewé e estudante 5^o semestre) e a professora-orientadora Mônica Rodrigues da Costa (Professora de Atelier de Texto IV e Dr^a em Semiótica).

I. Introdução

A Agência Ewé³ de Notícias Ambientais é integrante da disciplina Atelier de Produção de Texto III e IV⁴, de prática de reportagem, e pertence ao currículo do curso de Comunicação Social - Jornalismo - das Faculdades Jorge Amado (FJA), localizadas em Salvador (BA). Idealizada como uma agência ambiental para funcionar a partir do primeiro semestre de 2005, a disciplina tem por finalidade preparar os alunos para que produzam notícias e reportagens sobre o maior bem humano: o ambiente onde se vive. A disciplina envolve desde a pauta da reportagem, a apuração e a investigação aprofundadas, a produção fotográfica, a criação de infográficos até a organização do fluxograma de trabalho da agência e educação ambiental. O enfoque dos temas tratados na produção jornalística é pluralista, pesquisa ângulos inusitados e seleciona assuntos que visam à sistematização de informações que contribuam para a vida sustentável no planeta. A partir das idéias de que o planeta é um ecossistema e de que a humanidade troca com a Terra alimentação e energia em “ciclos ‘biogeoquímicos’ complexos, com um poder crescente para modificar os ciclos”⁵, a missão da Ewé é compreender como usar nas reportagens instrumentos da ciência que explica o funcionamento do meio ambiente – a ecologia.

Os alunos-repórteres aprendem a noticiar, além das catástrofes ambientais encontradas na web e o prejuízo que as chuvas causaram às encostas, por exemplo, o ecoturismo e a agricultura sustentáveis no Estado da Bahia, a examinar e ajudar a combater todos os tipos de poluição, a investigar o equilíbrio do sistema urbano, a reconhecer os domínios de natureza na Bahia, a fauna, a flora, a produção de resíduos, os ecossistemas hidrográficos, a qualidade do oceano Atlântico na região, a educação ambiental das

³ Expressão da língua africana iorubá que significa “folhas”.

⁴ Durante o corrente segundo semestre de 2006, a disciplina está também sendo ministrada como Atelier de Produção de Texto III, devido a uma mudança na grade curricular do curso de jornalismo em função de ajustes após o reconhecimento do curso de jornalismo das FJA pelo MEC. A partir do segundo semestre de 2006, o conteúdo ambiental, junto com a Agência Ewé de Notícias Ambientais, apenas ficará na matéria Atelier de Produção de Texto III. O nome da Ewé até maio de 2006 era Agência ECO de Notícias Ambientais, conforme consta no site, que será mudado quando a Ewé sofrer modificações de redesign (ver Conclusões). Isso ocorreu porque há sites com o nome ECO na web, anteriores à agência das FJA.

⁵ ODUM, Eugene. *Fundamentos da ecologia*. Tradução de António Manuel de Azevedo Gomes. 4a ed. Lisboa: Fundação Gulbekian, 1986, p 11 – 15.

crianças soteropolitanas. Notícias e artigos são publicados periodicamente⁶ no site da agência Ewé. As reportagens são incluídas nele depois de oferecidas para publicação a veículos da mídia local, de Salvador, e, a médio prazo, a mídias de outros Estados. A educação ambiental tem expressão na seção Ewé Criança, cuja finalidade é alfabetizar ecologicamente o leitor infantil, e na promoção de eventos que começaram a ser projetados no atual semestre a fim de oferecer tal serviço às comunidades carentes, do entorno das FJA.

A Agência Ewé de Notícias Ambientais utiliza-se de dois instrumentos fundamentais: a pesquisa científica sobre o meio ambiente e a veiculação das notícias e reportagens que produzem. Os conhecimentos científicos têm o objetivo de dar ferramentas ao futuro jornalista para que saiba monitorar com acuidade os impactos ambientais na natureza e conheça as pesquisas científicas que são o tema do jornalismo ambiental científico. A veiculação da produção noticiosa usa o meio informativo mais democrático que existe – a internet –, aliada à prática padrão de reportagem, para fazer essa pesquisa sobre meio ambiente e sustentabilidade na Bahia. Tanto o meio ambiente como o jornalismo digital são temas considerados incipientes nas pesquisas universitárias hoje. O objetivo é alcançar os estudantes de jornalismo das FJA e o público em geral, que tenha acesso ao site da Ewé. A agência tem a intenção de oferecer reportagens para publicação em jornais impressos e já teve reportagens preparadas para o caderno *A Tardinha*, de A TARDE.⁷

O jornalista e professor André Trigueiro, especialista em meio ambiente, afirma, em seu mais novo livro, de 2006, *O Mundo Sustentável*, que a maioria das faculdades de jornalismo começam a oferecer disciplinas que mostram “os impactos sem precedentes que pessoas, empresas, governos, e, de uma forma mais ampla, o atual modelo de desenvolvimento (os meios de produção e de consumo) geram sobre os recursos naturais, a qualidade de vida e a desigualdade social”⁸. Para o autor, a urgência exigida pelo assunto e

⁶ A meta é a de que a periodicidade deve ser fixada pelo fluxograma dos editores-estagiários da Ewé, uma vez que a agência se define como de autoria dos alunos, com a coordenação do editor-professor. A produção de notícias tem sido semanal e a de reportagem, de 45 dias em 45 dias, em média.

⁷ Tedson Souza, reportagem sobre ecologia urbana “Crianças no Carnaval baiano (fevereiro de 2006); “Os Jimmy Nêutrons da ciência”, sobre o Prêmio Nobel da Física de 2005, de Fabrício Lopes; “Jogos indígenas” em escola baiana, de Fabrício Lopes (abril de 2006), entre outras.

⁸ TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005, p 278.

a dimensão planetária da crise (ambiental) justificam a atualização pedagógica sobre o tema ambiental, com a inclusão de disciplinas com requisitos da ciência da ecologia.

A agência Ewé não tem o objetivo de formar jornalistas especialistas em ecologia, sua meta é transmitir noções básicas sobre o estudo do meio ambiente aos alunos da disciplina para que consigam aplicar os critérios de noticiabilidade ao conteúdo ambiental, saibam a quem entrevistar sobre determinado assunto e de que forma cada pauta deve ser conduzida. Conforme Trigueiro, cujo livro por ele organizado, *Meio ambiente no século 21*⁹, é adotado no plano de curso de Atelier III e IV, o especialista em meio ambiente ou ecologia é a fonte. “Ao jornalista cabe a função de identificar os assuntos que merecem visibilidade e, especificamente na área ambiental, traduzir os saberes da ciência de forma clara e objetiva”.¹⁰ Para o exercício da profissão de jornalista ambiental, afirma Trigueiro, “é preciso compreender e praticar a visão sistêmica, definida como ampla, integradora, que enxerga o Universo como um conjunto de fenômenos interdependentes em interação contínua”¹¹.

Na Ewé, os estudantes alimentam o site noticioso www.ead.fja.edu.br/eco utilizando a internet, que tem poder de comunicação, é feito com baixo custo e permite grande acessibilidade. Segundo Manuel Castells, professor de Sociologia e Planejamento Regional da Universidade da Califórnia, Berkeley, autor do livro *A Galáxia da Internet*¹², a rede de computadores é a maior possibilidade humana de democracia.

II. Pressupostos teóricos que orientam as atividades da Agência Ewé de Notícias Ambientais das Faculdades Jorge Amado

Para entender o meio ambiente é preciso pedir auxílio à ciência que o estuda – a ecologia. Todo ser humano precisa se alfabetizar ecologicamente, conseqüentemente deve ter claros os significados de ecossistema, sustentabilidade e a forma como as sociedades planetárias se organizam para lidar com os fenômenos – usando a filosofia, a ética, a ciência, o pensamento intuitivo ou religioso – a ecosofia, para lembrar o conceito

⁹ TRIGUEIRO, André (Org.). *Meio ambiente no século 21*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

¹⁰ TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005, p 279.

¹¹ TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005, p 284.

¹² CASTELLS, Maniel. *A Galáxia da Internet: Reflexões Sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

importatíssimo de Félix Guattari, de 1989. Em primeiro lugar, o que é ciência e como a ciência da ecologia é definida a partir da ciência normal, que serve de parâmetro para todas as formas de conhecimento, desde a que examina os fenômenos considerados naturais até as ciências sociais?

Conforme o historiador da ciência Thomas S. Kuhn (1922-1996), a ciência é definida como um conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e linguagem própria, que visam, na medida em que obtêm sucesso, a explicar os fenômenos da natureza e das sociedades e a orientar as atividades humanas, como sociologia, química, cibernética, botânica etc. Ciência normal – ciência que faz pesquisas firmemente baseadas em uma ou mais realizações científicas passadas, incluindo um sistema de regras que explicam o conjunto de fenômenos eleitos pelos cientistas. Tem por meta resolver problemas e para isso cria regras, que têm a função de responder à maioria das perguntas formuladas pelos paradigmas que estabelece. Assim, a ciência elege um modelo (paradigma) que traz quebra-cabeças passíveis de resolução quando surgem como uma promessa de sucesso. Regras e paradigmas são os principais constituintes da ciência normal e convivem em interação contínua. Sobre isso, escreveu o norte-americano Kuhn:

“Para descobrir a relação existente entre regras, paradigmas e a ciência normal começaremos considerando a maneira pela qual o historiador isola os pontos específicos de compromissos que acabamos de descrever como sendo regras aceitas. A investigação histórica cuidadosa de uma determinada especialidade num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação. Esses são os paradigmas da comunidade, revelados nos seus manuais, conferências e exercícios de laboratório. Ao estudá-los e utilizá-los na prática, os membros da comunidade considerada aprendem seu ofício. Não há dúvida de que além disso o historiador descobrirá uma área de penumbra ocupada por realizações cujo *status* ainda está em dúvida, mas habitualmente o núcleo dos problemas resolvidos e das técnicas será claro. Apesar das ambigüidades

ocasionais, os paradigmas de uma comunidade científica amadurecida podem ser determinados com relativa facilidade.”¹³

Thomas Kuhn disse ainda que uma descoberta sobre algum objeto de pesquisa, como a ciência nunca sabe tudo sobre ele, provoca uma crise que gera uma revolução e muda paradigmas. Já que é assim, uma das funções da pesquisa científica histórica é procurar saber quando e como isso acontece. Então será possível estabelecer novas regras para fazer o conhecimento avançar. Essa idéia é importante porque está na base do estabelecimento da ciência da ecologia enquanto um saber que relaciona todos os outros em favor da manutenção da vida na Terra – os princípios da ecologia provocaram uma reviravolta no pensamento e uma mudança paradigmática no comportamento humano, que precisa orientar novos modelos de desenvolvimento e sustentabilidade.

A definição de ciência é aceita por consenso e um compromisso entre os pesquisadores ao longo dos séculos para explicar o processo de evolução da sociedade no campo do conhecimento. Com a ecologia, vários ramos da ciência normal mudam o enfoque e passam, de exploratórias, a preservacionistas, de acordo com o ecologista Eugene Odum. É natural que haja mudanças, pois, como analisa Kuhn, os conceitos de ciência são passados às novas gerações e orientam o desenvolvimento tecnológico e de aplicação de conhecimentos, assim como a relação do homem com a natureza e consigo próprio.

A partir da leitura de Kuhn e de outros cientistas, como Odum, Aziz Ab’ Saber e Fritioj Capra, e jornalistas como André Trigueiro e Washington Novaes, entre outros, surge a questão: como aplicar os conceitos da ciência para compreender o mundo onde vivemos e, especificamente, o meio ambiente onde os seres humanos estão inseridos? Esse é o questionamento desenvolvido pela Ewé. Considerando que é verdade o que escreve Guattari no livro *As três ecologias*, que o ser humano deve reavaliar sua subjetividade na direção de um mundo sustentável incluindo a revisão de seu papel no *socius* e no meio ambiente, a Ewé precisa difundir consciência crítica sobre a mídia hegemônica e que é necessário redirecionar as conquistas técnico-científicas para a reconstrução do planeta, que vive uma situação de conflito entre os homens e as ecologias. Sobre isso, disse Guattari:

¹³ KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1998, , p 67 e 68.

“Assim, para onde quer que nos voltemos, encontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das forças subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos.”¹⁴

Nossas diretrizes estão fundamentadas para a construção de respostas a essas questões. Depois do final do século 18, os cientistas aceleraram o estudo comparado de várias ciências e passaram a adotar a idéia de "relação interativa entre os seres vivos com o meio ambiente ou a natureza"¹⁵ para resolver problemas que surgiam no mundo industrializado, tecnológico, que sofria com o aumento da densidade demográfica e com a perda de biodiversidade devido ao crescimento das cidades. Os cientistas perceberam que só é possível preservar o equilíbrio da Terra se o planeta – e o Universo – forem compreendidos como um sistema interdependente de relações em que cada peça da engrenagem cumpre uma função; somente assim não iremos privar as gerações futuras das mesmas condições aqui encontradas no tempo presente. Eis a base da ecologia, impulsionada pela noção de ecossistema. Diz o geólogo Aziz Ab’Sáber:

“O conceito de *ecossistema* foi introduzido na ciência por Arthur Tansley em 1935 e ganhou, com retardos diferenciais, todos os países e grupos científicos do mundo. Em tal acepção original, o famoso botânico inglês definia o termo como sendo o ‘sistema ecológico de um lugar, envolvendo fatores abióticos e fatos bióticos do local’. Tendo por base fatos físicos e bióticos de regiões temperadas em estágio de paisagem primária, o autor preferia referir no seu conceito a originalidade de um complexo de situações ecológicas de um lugar, já que a interferência de processos antrópicos impede estender o conceito a espaços regionais mais amplos e integralmente primários.”¹⁶

¹⁴ GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 14ª edição. São Paulo: Papirus, 2003, p 12.

¹⁵ ODUM, Eugene. *Fundamentos da ecologia*. Tradução de António Manuel de Azevedo Gomes. 4a ed. Lisboa: Fundação Gulbekian, 1986, p 13 – 17.

¹⁶ AB’SÁBER, Aziz. *Os domínios de Natureza no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, páginas 137 e 138.

Para o norte-americano Eugene Odum, em ecologia, o ecossistema é um conceito amplo e a unidade básica que organiza em torno de si organismos vivos e materiais não-vivos que guardam entre si relações de interdependência e de comunicação e com funções específicas para o equilíbrio do conjunto. Odum conclui que uma organização assim merece ser estudada a partir de uma teoria dos sistemas como a cibernética, o que coincide com o pensamento de Fritioj Capra. Da soma dessas idéias amadurecem os conceitos de pensamento holístico, em rede, e a noção de sustentabilidade.

Capra afirma que "o arcabouço científico mais apropriado para o estudo da ecologia é a teoria dos sistemas vivos".¹⁷ O pensador holístico sugere uma nova maneira de pensar advinda de sistemas intercomunicantes, que chama de pensamento de sistemas ou pensamento sistêmico. Significa pensar em termos de relações, padrões e contextos. Cada organismo é um todo integrado que inclui comunidades de organismos e sistemas sociais - uma família, uma escola, uma cidade - ou ecossistemas. Todos os sistemas vivos partilham de propriedades e princípios de organização comuns. O homem contemporâneo deve utilizar o pensamento sistêmico para adquirir conhecimento sobre os princípios de organização em comum que propiciam aos organismos viver de forma sustentável, introduzindo-os na cultura e na educação, mudando, desse modo, a forma de interação do homem com o meio ambiente. As idéias de Marcos Reigota reafirmam essa posição:

“Parto do princípio de que a educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais (para ficar só nesse exemplo), mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.”¹⁸

Compreender como se move o conceito de ciência é fundamental para firmar nas sociedades esse novo paradigma que é viver de forma sustentável. O primeiro passo é

¹⁷ CAPRA, Fritiof. In TRIGUEIRO, André (Org). *Meio ambiente no século 21*. 3ª ed: Rio de Janeiro. Sextante, 2003, p 21.

¹⁸ REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação e representação social*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002, pp 10-11.

incluir a idéia de multidisciplinaridade, já que o pensamento sistêmico pressupõe que cada ação local ou individual implica conseqüências globais, para todo o ecossistema.

Sendo a missão da Ewé monitorar o ecossistema baiano, é possível aplicar a localidades como bairros, parques, lagoas e dunas, assim como a associações de bairro, escolas e eventos culturais, o conceito de ecossistema para examinar sua saúde.

III. Da teoria à prática – o jornalismo ambiental da Ewé

A Ewé parte dessas idéias de vida no planeta para exercer um certo tipo de jornalismo ambiental. Conhecer a história das ciências e as conquistas das revoluções paradigmáticas auxilia a compreensão do manguezal da praia de Jaguaribe ou da qualidade da água da Bahia de Todos os Santos; bem como ajuda a avaliar o quanto de emissão de carbono ocorre na atmosfera baiana e contribui para o aumento do buraco na Camada de Ozônio; a agricultura baseada na cultura orgânica no Estado e a situação da reciclagem do lixo. Tudo interligado. Como as sociedades atuais se organizam para comunicar os acontecimentos e solucioná-los juntos? Através de acordos, tratados que regem as relações entre países, sendo o principal deles a Agenda 21.

Segundo o jornalista Washington Novaes, no meio ambiente global, “a Agenda 21 é um processo de participação em que a sociedade, os governos, os setores econômicos e sociais sentam-se à mesa para diagnosticar os problemas, entender os conflitos envolvidos e pactuar formas de resolvê-los, de modo a construir o que tem sido chamado de sustentabilidade ampliada e progressiva”¹⁹. A Agenda 21 Brasileira é composta de dois documentos: Agenda 21 Brasileira – Ações Prioritárias, que estabelece os caminhos preferenciais na construção da sustentabilidade brasileira, e Agenda 21 Brasileira - Resultado da Consulta Nacional.

No primeiro, a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional - CPDS - enumera os desafios emergenciais a serem enfrentados pela sociedade brasileira rumo a um novo desenvolvimento. As propostas apresentadas nesse documento estão organizadas em 21 ações prioritárias, que se emolduram sob temas como: a inclusão social por uma sociedade solidária, a estratégia para sustentabilidade urbana e

¹⁹ NOVAES, Washington. Novaes. In. TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21*. 3ª ed: Rio de Janeiro. Sextante, 2003, p 326 – 329

rural, a sustentabilidade dos recursos naturais estratégicos - água, biodiversidade e florestas, a governança e a ética para a promoção da sustentabilidade.

A Agência Ewé tem a Agenda 21 como documento norteador de suas ações e pretende trazer para o ambiente acadêmico a discussão da Agenda 21 baiana tanto na produção de reportagens como em educação ambiental, pesquisas, palestras e outros eventos. A Agenda 21 baiana ainda não foi construída e torna-se importante para a Ewé dar visibilidade ao processo de sua criação, já que a Agenda 21 global é consultada diariamente pelos repórteres e editores-alunos.

Para melhor cobrir meio ambiente tomando Salvador como base em um breve período de tempo _ um semestre letivo _, cada turma da disciplina Atelier de produção de texto III e IV ficou com uma área temática: ecologia urbana e bem-estar, vegetação, ecoturismo, água, limites de crescimento e todas as formas de poluição, fauna e educação ambiental. Eles ficarão mais visíveis após a reforma gráfica do site. Paralelamente, todas as turmas se organizaram em duplas para fazer levantamentos teórico e bibliográfico sobre as diferentes áreas da pesquisa ambiental, tendo como princípio o pensamento sistêmico. O livro mencionado de Trigueiro tem sido útil, pois traz vários especialistas explicando suas áreas de atuação, com índices atuais e sugestões de links para aprofundamento dos temas discutidos. Os alunos-repórteres saem da Ewé com a noção de que o ecossistema pressupõe várias idéias norteadoras: a de que existe uma energia que alimenta um ecossistema; a de que, se há energia, é porque há uma troca com um fator e/ou um fato externo ao ecossistema; a de que o próprio ecossistema produz sua alimentação e, conseqüentemente, sua manutenção enquanto um sistema vivo; a de que, se há elementos vivos, orgânicos, eles são gerados a partir de substâncias inorgânicas nos detritos, que são necessárias à vida; a de que esses resíduos devem ser consumidos dentro do próprio sistema; a de que esses resíduos, que são substâncias inorgânicas, ajudam a elaborar novas substâncias orgânicas e portanto vivas; a de que existe uma biomassa dentro desse ecossistema; a de que esse ciclo de ações se repete indefinidamente até que haja um desequilíbrio e conseqüentemente a morte do ecossistema; a de que é preciso um tempo para esse complexo ciclo biogeoquímico acontecer equilibradamente dentro do espaço do ecossistema.

A partir dessa conceituação fica mais fácil compreender de que forma esse repórter deve fazer sua cobertura jornalística do meio ambiente na Bahia. A idéia é justamente essa:

que o aluno-repórter saia da Ewé compreendendo a lagoa de Pituauçu e a do Abaeté podem ser observadas mais detalhadamente do que informa o noticiário automatizado das editorias locais de Salvador. Apto a reconhecer a validade da produção de alimentos orgânicos, como a que existe em Mata de São João, município baiano, como um ecossistema reparador do equilíbrio da Terra, e também as fazendas baianas onde existe um sistema de irrigação especial, por gotejamento, que evita desperdício de água e favorece o globo.

Para contribuir com o avanço da compreensão ambiental, a Ewé quer mostrar aos alunos-repórteres a relação de heterotrofismo e autotrofismo de um ecossistema na relação com a produção e o controle de resíduos dentro de um determinado tempo e no espaço definido dos ecossistemas. Como o processo é circular, importa então compreender como relacionar esse conhecimento específico do meio ambiente baiano ao cenário global.

Na era da informação, o meio ambiente ganhou destaque na mídia mundial logo após a ECO-92, Conferência das Nações Unidas para Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro em 1992. Novas confabulações foram construídas, novos paradigmas foram formulados. Entretanto, isso não foi o suficiente. Mesmo que a população já tenha acesso a um conjunto de informações maiores sobre o ambiente, elas ainda não são completas, ou mediadas da forma mais adequada pela mídia.

Por ser um assunto que vem conquistando cada vez mais espaços nas editorias do jornalismo moderno e prestígio no mundo atual, é necessário que todos percebam a situação em que se encontram a temática e a questão ambiental e, talvez, comecemos a pensar todo o mundo como um sistema, como defende o teólogo Leonardo Boff.²⁰ O jornalismo ambiental, com um desenvolvimento marcante nos últimos anos, em função de sua temática ter alcançado um grau de discussão muito maior, além da inclusão do meio ambiente como pauta diária nos veículos de informação, compreende-se como um veículo de divulgação de fatos, processos, estudos e pesquisas associadas à preservação do meio ambiente, da biodiversidade e de modelos de desenvolvimento sustentável. Como afirma o professor Trigueiro: “A expressão da consciência ambiental se dá na exata proporção em que percebemos meio ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações que estabelecemos como o universo”.²¹

²⁰ BOFF, Leonardo. In TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no Séc 21*, 3ª ed: Rio de Janeiro. Sextante, 2003, p 35 -43.

²¹ TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no Séc 21*: Rio de Janeiro. Sextante, 2003, p 76.

O fato de a consciência ambiental invadir o espaço urbano modifica todo o fazer do jornalismo científico-ambiental, caracterizado por produzir notícias e reportagens que pressupõem conhecimento, em primeiro lugar, do que venha a ser meio ambiente. Isso, porém, faz parte de outro campo de trabalho e é um sistema de idéias claramente explicadas no conceito de Lima e Silva: “É um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles”.²²

O jornalismo ambiental precisa discutir o diamante que é levado das terras do Norte, o cerrado que perde seu bioma natural para o pasto e grandes plantações _ a vastidão de soja e o mar de mamona que alimentam erroneamente o mundo circular. O meio ambiente tem partes animadas e inanimadas, está na TV, no supermercado, no restaurante e na viagem de turismo, na floresta amazônica e no parque do Xingu. Os índios, do Centro-Oeste, tentam atrasar a entrada da devastação do parque, impedir o contrabando de madeira e o roubo de terras nas fronteiras; tentam combater a biopirataria, o furto da pesquisa de novas espécies para a criação de patentes contrabandeadas da biodiversidade brasileira. A temperatura global atual é a maior dos últimos 20 mil anos, segundo reportagem do *Independent*, reproduzida pela *Folha* em 4 de maio de 2006. Meio ambiente é a tensão entre Irã e os Estados Unidos. É o acordo de Cartagena e tudo isso exposto na agenda anual, mensal e diária que é a Agenda 21.

Recentemente, polêmicas travadas em virtude de alguns temas candentes, como os transgênicos e a biopirataria como ameaça à diversidade e à soberania nacionais, o aquecimento global (efeito estufa e subtemas equivalentes) e a segurança alimentar, trouxeram novo impulso ao jornalismo ambiental. Esses assuntos repercutiram diretamente na qualidade de vida das pessoas, o que motivou a opinião pública a realizar trabalhos sobre esse diversificados temas. Novas perspectivas são criadas sob a visão panorâmica que o jornalismo científico-ambiental está exercendo.

Nós da Agência Ewé de Notícias Ambientais, com o auxílio da bibliografia do curso de Atelier de Produção de Texto III e IV, procuramos transmitir tais conhecimentos através de nossas notícias, reportagens, opiniões, não somente a nossos colegas, mas também à população, construindo uma nova opinião pública para as questões ambientais, levando,

²² LIMA E SILVA, P.P de et al. (Orgs). *Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais*. Rio de Janeiro: Thex, 1999.

então, o debate à rua. O jornalista ambiental precisa saber de que modo os diversos conhecimentos científicos, de várias áreas do conhecimento, podem se reunir para dar conta da alfabetização ecológica – termo cunhado por Capra – dos cidadãos na perspectiva de construção de uma nova opinião pública sustentável. Formulando essas idéias podemos ter a certeza de que a clareza e a objetividade, que são as características mais marcantes de um bom texto jornalístico, não serão perdidos quando esses futuros jornalistas forem traduzir as informações e as descobertas que emergem dos meios acadêmicos e científicos, evitando o risco de ser irritantemente didáticos e talvez até pedantes na temática ambiental, podendo, assim, divulgar as notícias de maneira simples, direta e sem prejuízos de omissão.

Para o trabalho realizado na Agência Ewé de Notícias, utilizamos, para este começo, um sistema de publicação on-line, o programa ready-made Mambo. Ele é autodiagramável e permite que cada aluno publique suas notícias e/ou reportagens logo após a produção. A internet é considerada pelo Professor Trigueiro, da UFRJ, como “a mais moderna e revolucionária de todas as mídias; a internet vem se revelando um poderoso instrumento de pressão em favor de causas ecológicas”.²³ Entendendo os sistemas de publicação do jornalismo digital como:

“Ambientes tecnológicos que possuem as potencialidades dos sistemas de administração de conteúdos e de gerenciamento de portais adaptados às rotinas produtivas do Jornalismo Digital. Ou, seja, em sua concepção, um sistema de publicação necessita integrar ferramentas que explicitem o processo de apuração de uma matéria, ferramentas que facilitem a publicação das informações de forma a apresentar modelos previamente elaborados de roteiros narrativos para os distintos gêneros jornalísticos, ferramentas que facilitem a veiculação e distribuição das informações.”²⁴

O sistema de publicação Mambo proporciona, ao mesmo tempo, a construção do sítio onde fica exposta a Ewé e a própria postagem das notícias e reportagens. Um conjunto de links ainda é montado para proporcionar o leitor, consumidor, parceiros e repórteres a possibilidade de uma aprofundamento nas questões ambientais. Transformamos a rede em

²³ TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no Séc 21*: Rio de Janeiro, 2003, p 85.

²⁴ SCHWINGEL, C.A.A. *Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados pra o processo de produção industrial no jornalismo digital*. In: Anais do XIV Compôs: Niterói, Rio de Janeiro, 2005^a.

uma ferramenta para nutrir os jornalistas das organizações convencionais com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos tradicionais de cobertura jornalística.

IV. Conclusões

Trabalhar numa agência na própria universidade responde aos anseios e às solicitações de que os alunos das FJA entrem de imediato na vida prática e no mercado de trabalho, nas mídias jornal, TV, rádio, internet e outras. Ao mesmo tempo em que aprendem a produzir reportagens sobre a diversidade dos temas ambientais, os estudantes-repórteres ficam aptos a lidar com conceitos de ecologia para se relacionar com o meio onde vivem agindo conscientemente sobre ele no papel de comunicadores sociais. Na Ewé há também espaço para o aluno trabalhar com design e programas interativos e multidisciplinares, com produção em vídeo e áudio, que devem constar futuramente do site da Ewé.

Para o segundo semestre de 2006, a Agência Ewé de Notícias Ambientais estuda uma forma de integração com o Projeto da Plataforma de Publicação e Ensino PANOPTICON (PPEP), construído pela FACOM/UFBA, o que proporcionaria um ambiente virtual interdisciplinar de construção on-line de notícias e reportagens com orientação simultânea do professor, desde a pauta até o texto final, além da interação entre os cursos de Comunicação Social – Jornalismo, Sistemas de Informação e Design.

“A PPEP é um modelo desenvolvido em base de dados que aplica teorias jornalísticas dentro de um novo ambiente de publicação e ensino na internet. A plataforma é um ambiente multi-usuário e pode ser utilizada simultaneamente para vários cursos em uma ou mais instituições”²⁵

²⁵ PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias; SCHWINGEL, Carla, e ROCHA, Lucas. *Artigo “Um Jornal Laboratório multimídia, multi-usuário e descentralizado. O caso da Plataforma Panopticon”*, in http://www.facom.ufba.br/jol_em_maiode2006.

O protótipo está desenvolvido como software livre e de fonte aberta. Com ele, a Ewé passa a criar pautas e a propor modificações simultaneamente, de acordo com o processo de apuração das reportagens, através do próprio sistema.

V. Referências

- AB'SABER**, Aziz. Os domínios de Natureza no Brasil. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p 137 e 138.
- CAPRA**, Fritjof. In TRIGUEIRO, André. Meio Ambiente no Século 21. 3ª ed: Rio de Janeiro. Sextante, 2003, p 21.
- CASTELLS**, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- GUATTARI**, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 14ª edição. São Paulo: Papyrus, 2003, p 12.
- KUHN**, Thomas. A estrutura das revoluções científica. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1998, , p 67 e 68.
- LIMA E SILVA**, P.P de et al. (Orgs). Dicionário Brasileiro de Ciências Ambientais. Rio de Janeiro: Thex, 1999.
- NOVAES**, Washington. Novaes, In TRIGUEIRO, André. Meio Ambiente no século 21. 3ª ed: Rio de Janeiro. Sextante, p 326 – 329, 2003
- ODUM**, Eugene. Fundamentos da ecologia. Tradução de António Manuel de Azevedo Gomes. 4a ed. Lisboa: Fundação Gulbekian, 1986, p 11 -54.
- PALACIOS**, Marcos; **MACHADO**, Elias; **SCHWINGEL**, Carla, e **ROCHA**, Lucas. Artigo “Um Jornal Laboratório multimídia, multi-usuário e descentralizado. O caso da Plataforma Panopticon”, in <http://www.facom.ufba.br/jol> em maio de 2006.
- REIGOTA**, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHWINGEL**, C.A.A. Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados pra o processo de produção industrial no jornalismo digital. In: Anais do XIV Compôs: Niterói, Rio de Janeiro, 2005ª.
- TRIGUEIRO**, André. Mundo sustentável Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005, p 278 - 285.
- TRIGUEIRO**, André (Org.). Meio ambiente no século 21. 3ª edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

V.I Periódicos

SOUZA, Tedson. Ecologia urbana – “Crianças no Carnaval baiano” (25 de fevereiro de 2006) e “Os Jimmi Nêutrons da ciência” (24 de outubro de 2005), sobre o Prêmio Nobel da Física de 2005, de Fabrício Lopes.